

Representações na *Urbe labiríntica*: a narrativa histórico-literária em *Agosto*, de Rubem Fonseca

*Carlos Vinícius Costa de Mendonça*¹

*Gabriela Santos Alves*²

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão do romance *Agosto* de Rubem Fonseca estabelecendo uma sintonia que se pretende produtiva entre as representações da cidade, história e literatura.

Palavras-chave: Cidade. História. Literatura. Memória. Representação.

Abstract: The purpose of this article is to reflect the Rubem Fonseca's novel *August* establishing a production line that is intended between the representations of the city, history and literature.

Keywords: City. History. Literature. Memory. Representation.

¹ Doutor em História Social / USP, professor do departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

² Doutora em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ), professora do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

(...) a representação da cidade, que se modifica constantemente pelo progresso tecnológico, é como um labirinto. Entretanto, invertendo o mito grego do *Minotauro*, em que atingir o meio é a solução, chegar ao centro é a marca da dispersão.³

A proposta deste ensaio é refletir sobre três conceitos – cidade, história e literatura – visando problematizar as relações tecidas entre eles na obra *Agosto*, de Rubem Fonseca. Para responder a este problema propomos primeiramente uma reflexão sobre a cidade-metrópole-labiríntica e, a seguir, sobre as sintonias da história com a literatura, visando o resgate das sensibilidades passadas.

De fato, discutir esses conceitos na contemporaneidade é ter claro o processo de aceleração do tempo no qual o passado vai perdendo o seu lugar para o presente eterno, criando a sensação que aponta Márcia D'Aléssio⁴ e traduzida como “hegemonia do efêmero”.

Fenômeno desintegrador da rapidez contemporânea que historiadores, filósofos e, sobretudo, literatos, há muito vêm antecipando. Está presente na Paris de Victor Hugo, Balzac, Zola, Baudelaire e Maupassant; na Londres de Dickens e na Viena de Schorske; na Lisboa de Eça de Queiroz; em Buenos Aires de Borges e Sábato e no Rio de Janeiro de Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Anibal Machado, Caio Fernando Abreu e Rubem Fonseca.

Assim, desde o século XIX, os intelectuais já se referiam em suas representações a essa “nova era” onde emerge o trinômio do progresso-rapidez, do fascínio e do medo: as máquinas, multidões e cidades.⁵

Há de salientar-se que essa “nova era” é consequência do “desabrochar do capitalismo mais radioso” que, por seu impacto, desorienta o homem que assiste fascinado e perplexo às modificações no campo das relações pessoais, calibradas, frequentemente, pela marca do individualismo, isolamento, fragmentação e solidão.⁶

Esta situação reforça a ideia de que o crescimento e expansão dos grandes núcleos metropolitanos não corrigem a discrepância entre as possibilidades abertas pelo progresso da técnica – aspiração da modernidade – e a falta efetiva de criação de um mundo melhor na dimensão coletiva e individual. A metrópole é o *locus* de coletividades indefinidas, e no Brasil, até recentemente, o imaginário social encarnava quase que demiurgicamente a dualidade de país legal *versus* país real, operando uma crítica mordente à civilização urbano-industrial, vista como depositária do desvirtuamento político/moral e responsável pelos problemas que o país tem passado.

“Vá metendo os peitos! Mas respeitando sempre as autoridades. Eu me refiro às autoridades, não as leis (...)”⁷,

³ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 69.

⁴ D'ALÉSSIO, Márcia M. Memória: leituras de M. Halbwachs e Nora Pierre. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, 1985, p. 97.

⁵ BRESCIANI, Maria E. Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano: as cidades no século XIX. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, 1985, p. 37.

⁶ BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 29.

⁷ MACHADO, Anibal. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 106.

aconselha o teórico do *Medalhão* ao personagem João Ternura, de Anibal Machado. Aliás, Marshall Bermam já apontava que a metrópole dos países subdesenvolvidos é diferente das europeias, por sua configuração tardia que emerge do labirinto da frustração:

O modernismo do subdesenvolvimento é forçado a se constituir de fantasias e sonhos de modernidade... Contudo, a bizarra realidade de onde nasce esse modernismo e as pressões insuportáveis sob as quais se move e vive – sociais e políticas, bem como espirituais – infundem-lhe uma incandescência desesperada que o modernismo ocidental, tão mais a vontade nesse mundo, jamais conseguirá igualar.⁸

Com efeito, a cidade moderna é um mundo inenarravelmente concentrado, apresentando inúmeras dificuldades de ser reconstruído ou representado. Porém, é esta “bizarra realidade” o núcleo que queremos analisar no interior da sintonia produtiva entre história e literatura na narrativa de *Agosto*, romance em que enxergamos um duplo processo alegórico: Rubem Fonseca teria trabalhado com as categorias de tempo e espaço para resgatar a memória da época em que exerceu a carreira de policial como comissário no Rio de Janeiro e rememorar todo o labiríntico processo político que culminou com o suicídio do presidente Vargas na capital do país.

Esse duplo processo encerra uma es-

tratégia de abordagem que por sua vez tem duas dimensões: encara a obra literária na sua perspectiva ficcional – a de apresentar uma situação que não foi, mas poderia ter sido – e a vincula ao processo social vivido, sem dele ser o seu simples documento, fotografia, como alerta Monica Velloso:

Essa concepção da literatura – reflexo, que entre nós se constituiu em uma verdadeira tradição, é no mínimo simplista... Porque apresenta como mero testemunho da sociedade, como uma espécie de documento destinado exclusivamente ao registro dos fatos. Perde-se, dessa forma, uma dimensão essencial da questão: a de que a sociedade é ao mesmo tempo uma realidade objetiva e subjetiva... Não há, portanto, um mundo dos fatos pairando acima do indivíduo. Existe, sim, uma profunda dinâmica entre o indivíduo e a sociedade, feita de interações, deslocamentos e modificações.⁹

Desse modo, tendo como parâmetro a consideração de que a sociedade é ao mesmo tempo uma realidade objetiva e subjetiva, detenhamo-nos, a vôo de pássaro, no enredo de *Agosto*, por demais conhecido: o assassinato de um empresário ocorrido na madrugada de 1º de agosto de 1954, no quarto de um luxuoso duplex, em um bairro privilegiado do Rio de Janeiro, mobiliza a atenção da cidade. A poucos quilômetros dali o chefe da guarda pessoal do presidente Vargas, tenente Gregório Fortunato, começa a arquitetar outro

⁸ BERAM, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 260.

⁹ VELLOSO, Monica Pimenta. A literatura como espelho da nação. In: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 1, nº 2, 1988, p. 239-240.

crime: o assassinato do jornalista Carlos Lacerda, que terminaria vinte dias depois, na maior tragédia da história política do Brasil – o suicídio do Presidente Vargas. O personagem central da trama é o Comissário de polícia Alberto Mattos, figura atormentada, perplexa e desencantada no labirinto de sua profissão, saúde (úlcera duodenal) e de sua vida afetiva.

Ele empreende uma caçada obsessiva às provas a fim de solucionar os crimes: o do empresário e o atentado da Rua Toneleros, pois ambos possuem um fato em comum: o principal suspeito era um homem negro.

Isso posto, passemos ao que chamamos de alegorias do tempo e do espaço. Fonseca trabalha a nosso ver com uma dupla temporalidade: a do narrador que opera uma sincronia com a narrativa – década de cinquenta – e o tempo do autor, transição dos anos oitenta para os noventa do século passado.

Nessa linha, explicita-se uma perspectiva comparativa entre tempo histórico e tempo ficcional. Ou seja, a sincronia entre narrador e narrativa guarda uma interface com a memória – história viva, que segue enquanto sentimento de continuidade sem fazer ruptura entre o passado e o presente do autor.¹⁰

¹⁰ Entendemos memória como processo vivido, conduzido por pessoas ou grupos vivos, em evolução constante e vulnerável às manipulações. A história é registro, distanciamento, problematização, crítica, reflexão, dessacralização da memória. Conferir em: LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *História e memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994. HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares.

Assim, o narrador/narrativa opera o desfilir incessante de episódios que desenhavam o perfil de um país-cidade que vive no labirinto do caos. O suborno é prática constante no cotidiano da sociedade civil:

(...) toda delegacia tinha um tira que recebia dinheiro dos bicheiros da jurisdição para distribuir com os colegas. Esse policial era conhecido como 'apanhador'. O dinheiro dos bicheiros - o levado - variava de acordo com o movimento dos pontos e a ganância dos delegados.¹¹

Como também o é a corrupção e as negociatas que se fazem presentes nas esferas do poder:

Nenhum deles queria sacrificar a vidinha confortável que levavam à custa do presidente, bebendo uísque nas boates e andando com putas... todos haviam enriquecido no governo.¹²

Nesse sentido, pensar *Agosto* como metáfora política do Rio de Janeiro e metonímia da cidade metrópole nos permite perseguir uma hipótese em torno da relação literatura e história: tanto Alberto Mattos quanto o presidente Vargas estavam mergulhados numa rede de intrigas que se formaram ao seu redor na urbe labiríntica.

Desse modo, a crise existencial que abalava o comissário residia no fato de saber que os valores com os quais se identificava e o inspirava estavam cada

In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

¹¹ FONSECA, Rubem. *Agosto*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 27.

¹² *Ibid.*, p. 13.

vez mais sufocados por um sistema que preferia abraçar a demagogia a praticar a justiça, a ética e a honestidade:

As celas de todas as delegacias da cidade estavam cheias de presos (...). Mattos considerava aquela situação ilegal e imoral e tentara fazer um movimento grevista no Departamento Federal de Segurança Pública (...). Uma 'utopia desvairada', dissera o comissário Pádua, você errou de profissão (...).¹³

Em 1951, Vargas voltou ao poder pelo voto popular, contudo, pouco afinado com um sistema de liberdades políticas e de regras democráticas. Embora fosse um modelo emergente nas urbes labirínticas, ainda não estava consolidado, o que agravava as condições de instabilidade. Esse período foi, ainda, a expressão cabal de um país dilacerado por práticas neocoronelísticas, de direita e esquerda, visando a mobilização das massas pela ação de líderes partidários e militares, sedentos por exercer um papel salvacionista e por ideologias econômicas polarizantes, opondo nacionalismo, como sinônimo de soberania e riqueza, a internacionalismo, concebido como submissão ao imperialismo norte-americano. Some-se a todas essas ambiguidades e contradições o fato de estarmos em plena Guerra Fria, o que, para o Brasil, significou um processo rugoso de radicalizações ideológicas muitas vezes com graves consequências.

Mergulhado nesse labirinto, Vargas

tentou buscar o difícil caminho do meio. Sua credibilidade política estava, porém, indelevelmente marcada pelo passado de ditador. Ou seja, agravando o quadro ideologicamente tenso em que o governo operava, havia uma crise de confiança mesclada pelo descrédito das oposições em relação a ele e pela suspeita deste quanto a um possível golpismo de seus opositores.¹⁴

Capanema, dissera em voz baixa numa roda: Getúlio, nesses vinte anos em que o conheço, de homem alegre e efusivo que era se tornou triste e reservado (...) a mágoa causada por todas as traições que sofrera, o desgosto com a covardia de seus aliados (...) se havia um homem no mundo que merecia ser feliz, por tudo que fizera pelos pobres e humildes, esse homem era Getúlio.¹⁵

Tanto Getúlio quanto Mattos se movimentavam desorientados na urbe em busca da conciliação. O primeiro, enredado e impactado pelas pressões políticas e sociais dos efeitos de Toneleros; o segundo, em busca da verdade que viesse esclarecer os crimes que investigava – ambos mergulhados em um tempo e um espaço que ia se constituindo numa espécie de labirinto, um pesadelo do qual o desafio era acordar.

Nessa situação, quanto mais Mattos seguia um emaranhado de pistas falsas, mais se afastava da verdade da busca. Os

¹³ *bid.*, p. 10-11.

¹⁴ Sobre este período ver: D'ARAUJO, Maria Celina. Nos braços do povo. In: D'ARAUJO, M. C. *As instituições da Era Vargas*. Ed. verj/FGV, 1999, p. 97-98.

¹⁵ FONSECA, *op. cit.*, 1990, p. 40.

seus erros de dedução foram flagrados pelo olhar cético e irônico do narrador. Mattos acreditava que o anel deixado por um negro na cena do crime do empresário Paulo Gomes de Aguiar fosse de Gregório Fortunato: “ele (Mattos) não teria sua lucidez prejudicada por dúvidas impertinentes, o negro era Gregório, cada vez mais tinha certeza disso. O F de Fortunato gravado no anel de ouro era dele.”¹⁶

Vargas, por sua vez, só enxergava medo e indecisão dos seus ministros e auxiliares e não tinha clareza do cerco que o enredava: “(...) o Alto Comando pediu-me que reiterasse a V. Ex^a o propósito firme do Exército de resguardar as instituições (...) Foi muito bem recebida a medida de V. Ex^a. dissolvendo a guarda pessoal.”¹⁷

Vargas não respondeu, o general saiu e o presidente continuou sentado na sua pequena mesa do segundo andar, olhando a escuridão da noite através das janelas do seu gabinete. Naquele mesmo dia ele recebera, à tarde, a visita do vice-presidente Café Filho, do ministro da Educação Edgard Santos, do ministro da Saúde Mario Pinotti, do ministro do Trabalho Hugo de Faria, e do governador Amaral Peixoto. Com exceção da fisionomia deste último, que era seu genro, e da de Tancredo, na qual notou principalmente nervosismo, no rosto de todos os outros ele percebeu o mesmo que vira na cara de Zenóbio da Costa: indecisão.¹⁸

O narrador critica tal procedimento e nos leva a testemunhar os erros de de-

dução tanto de Mattos quanto de Vargas. O que aquele entendia como verdade, ou seja, a informação que ele almejava encontrar, chegou de uma forma bem menos ortodoxa. Não foi em outro lugar a não ser em um bordel que o policial obteve dados significativos para a sua investigação. Conversando com uma cafetina, Mattos acabou descobrindo que o anel não pertencia a Gregório, mas sim a outro negro conhecido como Chicão: “Mattos tinha de admitir, nos bordéis de luxo, descobria-se muita coisa”.¹⁹

Já Vargas, recebendo a visita do deputado Lutero Vargas, foi logo afirmando:

Esse tiro que matou o major Vaz acertou-me também pelas costas. E (...) olhou longamente a fisionomia do filho que jurava ser inocente. Lutero nunca realizava as expectativas que Vargas depositara nele. Darcy, a mãe, inculcava no filho horror à política. (...) afastando-o, ainda mais, do pai que, sem um filho que continuasse a tradição familiar, transferira para o genro Ernâni do Amaral Peixoto, o seu patronato político, ora ocupando a governança do estado do Rio de Janeiro.²⁰

No plano da história das representações, as idéias, imagens, signos e discursos do passado não poderiam ser dissociados do enigma: “os impasses do detetive remetem para a questão central do romance, ou seja, a impossibilidade de reconstruir a verdade histórica.”²¹

¹⁶ *Ibid.*, p. 189.

¹⁷ *Ibid.*, p. 143.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *ibid.*, p. 265.

²⁰ *Ibid.*, p. 118-119.

²¹ FOLLAIN, Vera. O assassino é o leitor. In: FONSECA, Rubem. *A grande arte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 2-5.

Por isso, tanto a tentativa de reconstruir o passado quanto a sensação de estar sem orientação dentro da cidade-política-labiríntica assombravam e consumiam Mattos e Vargas: uma subjetividade fragmentada que se encontrava perdida psicológica e espacialmente.

A fim de se avaliar essa sensação de estar sem orientação é importante registrar as representações ficcionais em torno de Mattos e os discursos em torno de Vargas. Em todo o tempo, o protagonista fonsequiano locomovia-se de um lado da cidade para outro visando dar cabo a investigação, mas se sentindo perturbado por outros assuntos que circulavam na urbe em torno dele:

Rossalvo (assistente de Mattos) tinha medo do Comissário. Estava certo de que Mattos não regulava bem, as caretas que fazia, a greve maluca que tentara promover (...) e, principalmente, a mania de não levar grana do bicho (...) o cara andava de lotação (...) desprezava o levado dos banqueiros.²²

Recolhido no Catete, o presidente Vargas caminhava impotente a passos arrastados, do primeiro ao segundo andar, sentindo o pulsar da tensão da urbe política, impactado com o curso da campanha que fora preparada para desmoralizá-lo, da qual participavam a Igreja, setores do empresariado, partidos políticos de oposição e a imprensa.

Por volta de 1954 Vargas tinha contra si: a) a fragilidade das instituições

políticas brasileiras, com nítida dificuldade do sistema político em absorver a participação política da massa, que gemia sob o peso da inflação; b) a UDN e os partidos menores, inclusive PCB, para o qual, apesar de tudo, ele continuava sendo um “agente do imperialismo americano”; c) todos os grupos apartidários que simpatizavam com os “entreguistas” e eram “amigos dos americanos”; d) a quase totalidade das Forças Armadas, principalmente a Marinha e a Aeronáutica, enquanto Canrobert/Juarez, representantes do Exército, dominavam o Clube Militar; e) toda a força dos “trustes” e monopólios (que não engoliam a Petrobrás), a fazer pressão agora, não sobre Getúlio, mas sobre seus inimigos.²³

Por outro lado, em se falando em inimigos do governo não se pode perder de vista o jornalista e empresário Carlos Lacerda, o “Robespierre burlesco”, que através da *Tribuna da Imprensa* levantava as acusações contra o presidente clamando por sua renúncia. “(...) sai do poder, Getúlio Vargas, se queres ainda merecer algum respeito como criatura humana, já que perdeste o direito de ser

²² FONSECA, *op. cit.*, p. 265.

²³ Sobre os interesses em jogo nesta conjuntura ver: BENEVIDES, Márcia Vitória de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambigüidades do liberalismo brasileiro*. RJ: Paz e Terra, 1981. DEGADO, Lucília de A. M. *O PTB: do getulismo e ao reformismo*. RJ: Vozes, 1989. HIPÓLITO, Lúcia. *De raposa e reformismo: o PSD e a experiência democrática brasileira (194-85)*. RJ: Paz e Terra, 1985. D'ARAÚJO, Maria C. *Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945 a 1965*. RJ: FGV, 1996. SOUZA, Maria do C. Campelo. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 - 1964)*. SP: Alfa-Omega, 1976.

acatado como chefe do governo...”²⁴

Voltemos às convergências entre Mattos e Vargas. Sustentando o ideal de lutar por uma causa nobre, tanto um como outro se sentia agredido e sufocado pela injustiça e falta de ética dos atores das instituições em que labutavam e representavam. O primeiro adquire uma úlcera gástrica; o segundo, ressentido, humilhado, dialogava com fantasmas da morte.

A forma com que Rubem Fonseca representou a dilaceração e fragmentação espiritual de Mattos e Vargas é significativa: a úlcera de Mattos e o abatimento de Vargas metaforizavam a dificuldade de ambos de “digerirem” o que é externo.²⁵

Mattos saiu do plantão pensando no Odorico e nos outros presos da imunda cela fétida (...) “o mundo em que ele vivia era uma merda. O mundo inteiro era uma merda.”²⁶

“(...) no modesto quarto, vestido com um pijama de listras, sentado na cama com os ombros curvados, os pés a alguns centímetros do assoalho, estava (...) um velho insone, pensativo, alquebrado, de nome Getúlio Vargas.”²⁷

Com efeito, se os monstros dos labirintos da cidade política não puderam

ser aniquilados por Mattos e Vargas, ao contrário, eles é que devoraram o comissário e o velho estadista – foi porque estavam pulverizados em todos os ambientes através da dissimulação, da camuflagem e da hipocrisia ressentida.

Em *Agosto*, a morte de Mattos simbolizou a vitória da impunidade e da sordez do sistema político-burocrático-empresarial. O suicídio de Vargas, uma vitória improdutiva para esse sistema, porque adiou e dificultou o banquete dos seus opositores, até pelo menos 1964.

Referências bibliográficas

BERMAM, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna*. São Paulo: Edusp, 2000.

BRESCIANI, Maria E. Martins. *Metrópoles: as faces do monstro urbano: as cidades no século XIX*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, 1985.

D'ALÉSSIO, Márcia M. *Memória: leituras de M. Halbwachs e Nora Pierre*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, 1985.

FOLLAIN, Vera. *O assassino é o leitor*. In: FONSECA, Rubem. *A grande arte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

FONSECA, Rubem. *Agosto*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

²⁴ SILVA, Hélio. *1945: um tiro no coração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 243.

²⁵ Segundo Pierre Ansart (*História, memória dos ressentimentos: indignação sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 15-34), é preciso considerar os rumores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, como sentimentos e representações designados como ressentimento.

²⁶ FONSECA, *op. cit.*, 1990, p. 137.

²⁷ *Ibid.*, p. 162.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MACHADO, Anibal. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

SILVA, Hélio. *1945: um tiro no coração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1938.

VELLOSO, Monica Pimenta. A literatura como espelho da nação. In: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 1, n° 2, 1988.